

POLICIAIS agrediram crianças. [s.l.], 05 dez. 1986.

## Policiais agrediram crianças

Faz uma semana que cinco meninos de rua que freqüentam a Casa do Menor tentam retirar dos cabelos a cola de sapateiro derramada por policiais militares. Alguns desistiram e raspam a cabeça. "Foi uma violência o modo como foram tratados. Aqueles policiais não têm responsabilidade", protesta o padre Ademar Gonzaga da Costa. Ele alega que a Polícia respeita muito a Casa do Menor. Se algum menino é procurado ali por furto, os responsáveis pela Casa permitem que a Polícia cumpra sua obrigação, interrogue o suspeito. Mas o caso dos menores ele julgou um desrespeito. Um deles comentou: "eu preferia que me jogassem no rio Tietê", conta a presidenta da Casa do Menor, entre sorridente e revoltada.

"A gente estava perto da Aquidabã, quando chegou o 'bezourinho', explica um dos meninos que recebeu cola de sapateiro na cabeça. "Bezourinho", se-

gundo ele, é o carro Rádio Patrulha da Polícia Militar. Ele conta que ele e mais quatro amigos, depois de comprarem a cola, foram cheirar perto da avenida Aquidabã. Foi quando chegou o carro com dois policiais. "Eram dois bigodudos", diz ele.

Outro que participou da batida policial entra na conversa e explica com gestos. "Eles perguntaram: 'cade a cola?'" Diz que, depois de acharem a cola, os policiais mandaram que ficassem de costas com as mãos na parede e começaram a derramar cola sobre suas cabeças. "Ainda mandaram a gente esfregar", conta o primeiro. "Dai deram um pontapé em cada um e mandaram a gente embora".

Na Casa do Menor, segundo padre Ademar Gonzaga, não existe assunto proibido. Os meninos contaram o caso sem constrangimento e depois ainda ficaram explicando detalhes de suas

aventuras com drogas. O narrador da história continuava defendendo o uso da cola de sapateiro. Um pequeno, cerca de 10 anos, mostrava o braço com picadas de agulha. Os outros explicavam que ele tomava uma certa "amosterona véia" — o nome "véia" é porque o tal comprimido, cuja caixa é vendida por Cz\$ 15,00 na farmácia, é dissolvido e aplicado na veia. "Parece cola", afirma o mais falante. "A gente fica zozzo andando pela rua, nem liga para os outros".

O menino pequeno garantiu que não tomava mais "amosterona véia". Padre Ademar observa que na Casa do Menor o funcionamento era assim mesmo, em que o menor adquiria confiança para contar os seus problemas. Depois eles são tratados com mais atenção para que sejam resolvidos. Com a nova chácara, segundo ele, o trabalho ficará bem mais fácil.